

Doutores, de Graciliano Ramos

Autor(a): Arnaldo Sampaio de Moraes Godoy

Publicado em: 25 de janeiro de 2026

Publicação: conjur_import

Link JurisTube:

<https://juristube.com.br/colunistas/arnaldo-sampaio-de-moraes-godoy/doutores-de-graciliano-ramos>

Fonte original: <https://conjur.com.br/2026-jan-25/doutores-de-graciliano-ramos>

Identificador citável:

juristube.com.br/colunistas/arnaldo-sampaio-de-moraes-godoy/doutores-de-graciliano-ramos#ep-42330c42

Resumo

Na crônica, crítica ganha peso adicional quando lembramos que Graciliano Ramos não escreve como observador externo

Texto integral

Na crônica *Doutores*, Graciliano Ramos (1892-1953) enfrentou um dos problemas mais persistentes da vida pública brasileira: a idolatria do título e o culto ao doutor como arquétipo de autoridade natural, independentemente do conteúdo real do saber ou da legitimidade do poder. O leitor encontrará o texto no Portal da Crônica Brasileira, o mais completo repositório on line sobre esse delicioso gênero literário [1]. Escrita em linguagem seca e sem qualquer concessão retórica, a crônica *Doutores* é menos um retrato de costumes e mais um diagnóstico cultural [2]. É nesse sentido que sugiro a leitura. É o tema dos Embargos Culturais dessa semana. O ponto de partida do texto é simples e engenhoso. Graciliano opõe dois tipos de doutor: o do litoral e o do interior. O primeiro surge como produto da cidade grande, do diploma, da linguagem difícil, do prestígio acadêmico e do verniz civilizatório. O segundo não precisa de certificados nem de citações: exerce autoridade pela proximidade com o mando local, pela intimidação silenciosa, pela força do costume. O que muda é a aparência; a estrutura de poder permanece intacta. A crônica não narra um episódio específico, nem mesmo constrói uma fábula tradicional. É antes uma tipologia social. Graciliano enumera, descreve, contrapõe. O leitor reconhece imediatamente as figuras que o escritor alagoano elenca. Esse reconhecimento é de algum modo desconfortável. Revela que o título de doutor opera como atalho simbólico de dominação, dispensando a verificação do mérito, da competência ou da justiça das decisões. Ao problematizar o doutor do litoral, Graciliano atinge o coração do bacharelismo brasileiro. Desde o século 19, o diploma — sobretudo o jurídico — tornou-se no Brasil instrumento de distinção social, passaporte para o poder político e administrativo, marca de superioridade simbólica. O bacharel não precisava demonstrar saber; bastava ostentar o título. A linguagem hermética, longe de ser defeito, era virtude: quanto menos compreendido, mais o doutor era respeitado. Falar difícil era marca de inteligência e poder. O doutor do interior, por sua vez, revela o outro lado da moeda. A autoridade dispensa o palavreiro técnico, porém se ancora na mesma lógica hierárquica. Não é o saber que legitima o poder, é a posição ocupada. O título continua a funcionar como selo de mando, ainda que adaptado às circunstâncias locais. É o tempo dos coronéis, contexto que lemos em autores como Wilson Lins, Jorge Amado e Rachel de Queiroz. O coronel foi estudado por Victor Nunes Leal em *Coronelismos, Enxada e Voto*. Na crônica,

Graciliano sugere, com ironia contida, que o Brasil apenas muda o figurino da dominação — nunca sua essência. Experiência real Um dos aspectos mais sofisticados de *Doutores* é a crítica à linguagem como instrumento de poder. O doutor do litoral fala difícil; o do interior fala pouco. Ambos produzem submissão. Em um caso, pela intimidação intelectual; no outro, pela intimidação social. A linguagem jurídica — complexa, autorreferente, excludente — aparece implicitamente como parte desse mecanismo. Não esclarece: distancia; não comunica: hierarquiza. A crítica ganha peso adicional quando lembramos que Graciliano não escreve como observador externo. Foi prefeito (de Palmeira dos Índios, Alagoas, eleito em 1927, renunciou dois anos depois) e diretor de instrução pública. Conhecia a burocracia por dentro, percebia o valor e o abuso do título, compreendia o prestígio automático conferido ao bacharel. *Doutores* não nasce do ressentimento. Surge da experiência real vivida pelo autor. A forma do texto reforça o conteúdo. Graciliano usa frases curtas, duras, econômicas. Não adota o estilo do doutor que critica. Sua linguagem é antirretórica, quase ascética. O estilo funciona como ética: escrever bem é escrever com nitidez; escrever com nitidez é recusar o privilégio da incompreensão. Em *Doutores*, a crítica ao bacharelismo está no que se diz, e principalmente em como se diz. E essa compreensão (minha) não é um jogo de palavras. Ao contextualizar a crônica no panorama cultural brasileiro, percebe-se que Graciliano dialoga com uma tradição crítica ampla — de Sérgio Buarque, Gilberto Freyre, Alberto Venâncio Filho a Raymundo Faoro — que identifica no bacharelismo um dos entraves à modernização democrática do país. O título substitui o conteúdo; a forma suplanta a substância; a autoridade se legitima pela distância, não pela responsabilidade. *Doutores* mantém inquietante atualidade. Aqui em Brasília basta usar uma camisa de manga cumprida e o guardador de carros vai longo perguntando: posso cuidar doutor? Ainda confundimos complexidade verbal com profundidade intelectual. Ainda aceitamos que o prestígio do cargo ou do diploma dispense a obrigação de clareza e prestação de contas. Graciliano enfatiza, com economia e rigor, um problema que ainda não resolvemos. Para o leitor da *ConJur*, *Doutores* funciona como provocação necessária. Convida à autocrítica institucional: quantas vezes o Direito reproduz o bacharelismo que deveria combater? Quantas vezes o título serve mais para afastar do que para servir? Quantas vezes a linguagem jurídica protege o poder em vez de proteger o cidadão? *Doutores* não propõe reformas e não oferece saídas fáceis. Avança com uma tarefa mais difícil: expõe a engrenagem cultural que sustenta a autoridade sem saber e o saber sem responsabilidade. Graciliano, com a autoridade de quem conheceu o Estado por dentro e recusou seus vícios retóricos, ainda que primeiramente no contexto de uma prefeitura do interior, deixou-nos, em *Doutores*, uma lição em forma de provocação. [1] Consultar o imperdível <https://cronicabrasileira.org.br/>. [2] <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/21563/doutores>.

Como citar este documento

As citações abaixo seguem os padrões ABNT NBR 6023:2018, APA 7ª edição, Chicago Author-Date (17ª ed.) e BibTeX (LaTeX). Copie o formato exigido pelo periódico ou gerenciador bibliográfico (Zotero, Mendeley, EndNote).

ABNT (NBR 6023:2018)

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. Doutores, de Graciliano Ramos. conjur_import, 25 jan. 2026. Disponível em: <https://conjur.com.br/2026-jan-25/doutores-de-graciliano-ramos>. Acesso via: JurisTube — Acervo Digital de Direito. Disponível em: <https://juristube.com.br/colunistas/arnaldo-sampaio-de-moraes-godoy/doutores-de-graciliano-ramos>. Acesso em: 30 set. 2026.

APA 7ª edição

Godoy, A. S. D. M. (2026, January 25). Doutores, de Graciliano Ramos. *conjur_import*. <https://conjur.com.br/2026-jan-25/doutores-de-graciliano-ramos>

Chicago Author-Date (17ª ed.)

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. 2026. "Doutores, de Graciliano Ramos." *conjur_import*, January 25. <https://conjur.com.br/2026-jan-25/doutores-de-graciliano-ramos>

BibTeX

```
@article{arnaldo-sampaio-de-moraes-godoy-doutores-de-graciliano-ramos-2026,  
author = {Godoy, Arnaldo Sampaio de Moraes},  
title = {Doutores, de Graciliano Ramos},  
journal = {conjur_import},  
year = {2026},  
url = {https://conjur.com.br/2026-jan-25/doutores-de-graciliano-ramos},  
urldate = {2026-01-25}  
}
```



Licença de Uso — CC BY-NC-SA 4.0

Este conteúdo está licenciado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgal 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). O uso para fins acadêmicos e educacionais é permitido, desde que citada a fonte original (JurisTube) conforme as normas técnicas indicadas neste documento.

Termos completos:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt-br>